

GIUSEPPE
UNGARETTI
—
VIDA DE
UM HOMEM
TODA A POESIA

A coleção Itálica da Imprensa Nacional pretende disponibilizar ao grande público a obra de autores italianos clássicos e modernos, estimulando o conhecimento, pelo público português, de nomes incontornáveis do cânone da literatura italiana, pouco editados ou pura e simplesmente esquecidos pelo mercado português.

Itálica

VIDA DE UM
HOMEM
TODA A POESIA

DE

GIUSEPPE
UNGARETTI

TRADUÇÃO DE

VASCO GATO

NO ANO DE

MMXXI

PARA A COLEÇÃO

Itálica

IMPRENSA NACIONAL

*é a marca editorial da **INCM***

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.

Av. de António José de Almeida, 1000-042 Lisboa

www.impresnacional.pt · www.incm.pt

www.facebook.com/ImprensaNacional

editorial.apoiocliente@incm.pt

© 2021, IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Coleção ITÁLICA

Direção literária ANTÓNIO MEGA FERREIRA

Título VIDA DE UM HOMEM, TODA A POESIA

Autor GIUSEPPE UNGARETTI

Tradução VASCO GATO

Revisão IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Direção de arte RÚBEN DIAS e FÁBIO MARTINS

Design e paginação ITEMZERO

Impressão e acabamentos IMPRENSA

NACIONAL-CASA DA MOEDA

Primeira edição MARÇO 2021

Depósito legal 479381/21 · ISBN 978-972-27-2785-3

Número de edição 1023411

15 *Razões de Uma Poesia*
de Giuseppe Ungaretti

47 *A Alegria*

- 49 *Últimos*
77 *O Porto Sepulto*
155 *Naufrágios*
193 *Vagabundo*
205 *Primeiros*

221 *Sentimento do Tempo*

- 223 *Primeiros*
243 *O Fim de Cronos*
285 *Sonhos e Acordos*
317 *Lendas*
337 *Hinos*
361 *A Morte Meditada*
375 *O Amor*

393 *A Dor*

- 395 *Tudo Perdi*
401 *Dia a Dia*
411 *O Tempo Está Mudo*
421 *Ao Encontro de Um Pinheiro*
425 *Roma Ocupada*
441 *As Lembranças*

451	<i>A Terra Prometida</i>
481	<i>Um Grito e Paisagens</i>
511	<i>O Caderno do Velho</i>
535	<i>Apocalipses</i>
539	<i>Provérbios</i>
543	<i>Diálogo</i>
545	<i>Ungá</i>
567	<i>Réplicas de Bruna</i>
583	<i>Novos</i>
597	<i>Derniers Jours</i>
599	<i>La Guerre</i>
619	<i>P-L-M</i>
633	<i>Poemas Dispersos</i>
683	<i>Outros Poemas Reencontrados</i>

701 *Novos Reencontrados*

703 *Textos Impressos*

723 *Esboços Manuscritos Editados
Postumamente*

773 *Novos Testemunhos Manuscritos
do Fundo Ungaretti*

781 *Notas*

*Organizadas pelo Autor e
por Ariodante Marianni*

840 *Índice de Títulos
e Primeiros Versos*

RAZÕES DE UMA POESIA

Giuseppe Ungaretti

Tenho, o que é natural, refletido como qualquer escritor ou artista sobre os problemas da expressão poética e do estilo; porém, apenas nisso refleti por causa das dificuldades que aos poucos a expressão me ia opondo, exigindo ser posta de maneira a corresponder integralmente à minha vida de homem. Certas vezes, tive até a oportunidade de registrar por escrito as minhas reflexões e de as tornar públicas. Impeliam-me para tal razões ocasionais, não sendo eu um filósofo, nem tendo por hábito fazer um culto abstrato de tais problemas.

Não será, creio, ocioso ver hoje, quase na conclusão da minha longa carreira, como, em diferentes momentos, diferentes pelo seu carácter histórico e diferentes pela minha vida interior, tive de assinalar a evolução da minha posição polémica.

Entre os meus papéis, encontro algumas das minhas primeiras anotações. Têm uma data deveras longínqua, posteriores à *Alegria*, e demonstram como, de pensamentos, que eram os que inspiravam o meu livro escrito na tragicidade da trincheira, pensamentos de estrita essencialidade expressiva, completamente concentrada no vocábulo, eu passara a investigações mais complexas para as quais a experiência anterior permanecia, no entanto, sempre viva. Aludo a algumas anotações minhas que saíram na *Ronda* em 1922. Encontro dito nesses apontamentos:

«Os abismos humanos são perlustráveis», dizia Jacques Rivière num ensaio sobre Dostoiévski, contrapondo à obra do escritor russo a arte francesa, a arte do romance francês — entenda-se também o método ocidental de análise psicológica. É como quando dizia: «Trata-se de obscurecer o mundo com os meios mais simples», o que, vice-versa, seria como dizer: «Trata-se, em caso de necessidade, de clarificar com iguais meios os abismos humanos, de os tornar assim perlustráveis». Ora, o erro de Rivière era acreditar que a obra de Dostoiévski pudesse ser

transposta para problemas de métodos, de análise, de psicologia e, assim reduzida, gerar um bom romance do tipo francês. Para Dostoiévski havia princípio — princípio lírico, digamos — no momento em que lhe parecia que tivesse cessado qualquer possibilidade de perceber, tendo percebido, misteriosamente percebido, demasiado.

«Se a escuridão não for uma escuridão material das coisas, não for a noite passageira, não for um efeito de fumo ou de nevoeiro, nem sequer a escuridão de um rochedo — a um rochedo, se necessário fosse, bastaria uma pequena carga de dinamite para o mandar pelos ares — e for ao invés escuridão do espírito no último limite, como será possível quebrá-la com as ridículas violências e os pavios das nossas pobres invenções, essas que incluem a boa marca científica louvada por Rivière? Se Dostoiévski tivesse sido francês, teria sido quando muito um Zola. São, ainda que Rivière rejeite Flaubert «pour avoir voulu être d'emblée et directement objectif», caminhos onde, indo à procura do príncipe Myskin, e querendo encontrar gente de espécie justamente análoga e resultado de um poder artístico em nada inferior, não encontraremos senão Bouvard e Pécuchet.

«Tornemos a ler Dostoiévski. Encontramos aí uma turba, embora seja sempre a mesma pessoa a andar à volta de si mesma, e o seu multiplicar-se derive da vertigem da sua volta. É vã em Dostoiévski, bem como em qualquer outro, a tentativa de definir logicamente esse fantasma levando-o a assumir, de algum modo, uma atitude de controlo perante as circunstâncias.

«Não se trata de uma forma diferente de conceber o drama: o drama alastrará sempre às origens do ser, desde Ésquilo, que queria demonstrar-nos como no princípio não pode senão haver fatalmente medida, levando-nos a sentir que a tragédia não dependeria senão do excesso ou do defeito de medida, até Dostoiévski, que é de outra opinião.

«Porém, nós sabemos perfeitamente que, se para o homem tudo assenta sempre num dado obscuro, nunca ninguém estará em condições de se resolver humanamente em tal dado sem se confundir, perder e anular; e também sabemos, não menos perfeitamente, que jamais haverá luzes humanas — nem proustianas, nem freudianas — capazes de tornar esse dado mensurável

para nós, ao ponto de o tornar tal que possamos finalmente ver-nos com clareza.

«O mistério existe, está em nós. Basta não nos esquecermos dele. O mistério existe e, com o mistério, de mão dada, a medida; mas não a medida do mistério, coisa humanamente insensata; mas algo que num certo sentido se oponha ao mistério, embora sendo para nós a sua manifestação mais elevada: este mundo terreno considerado como contínua invenção do homem. O ponto de apoio será o mistério, e mistério é o sopro que circula em nós e nos anima; porém, somos levados a cuidar desses desenvolvimentos que dão porventura situação a uma árvore numa paisagem; dessa trama de relações que não tolera mudanças senão sofrendo uma modificação de carácter. Portanto, a arte terá sempre para nós um fundamento de predestinação e de naturalidade; porém, terá a par disso um carácter racional, admitindo todas as possibilidades e complicações do cálculo: se tivesse quatro em vez de três elementos, se invertesse a ordem, se um grande vento soprasse, etc. ... e se tivesse um quinto fator, aconteceria... o fim do mundo, quiçá; todavia, permaneceremos sempre num campo de precisões inexoráveis.

«Encontrada a via da lógica, uma pedrinha poderá tornar-se um rochedo ou vice-versa, e equilibrar-se no fio da navalha, e poderá passar-lhe por baixo para fruir da sua sombra um homem tranquilo já não espantado com um grãozinho de areia. Será esta, por efeito da metamorfose na nossa mente, uma imagem de deliberado desafio à morte, ironicamente induzida pela nossa inclinação natural para o bem-estar? Ou, pelo contrário, uma imagem da morte que sempre nos ameaça associada a um nada? Enquanto nós, impelidos pela vida, inconscientemente a tentamos? Será simplesmente a nossa possibilidade de levar, das suas dimensões naturais a outras, a realidade, descobrindo assim a sua poesia e a sua verdade? Será um desses muitos efeitos da metamorfose que nos fazem pensar que a palavra é feita de vogais e de consoantes, de sílabas, de uma forma completamente diferente, portanto, dos objetos que evoca e que podem ser objetos ausentes, objetos distantes no espaço? Distantes, declinados no tempo. Pertencentes inclusivamente a épocas e a terras desaparecidas de forma imemorial.

Anche questa notte passerà

*Questa solitudine in giro
titubante ombra dei fili tranviari
sull'umido asfalto*

*Guardo le teste dei brumisti
nel mezzo sonno
tentennare*

Também esta noite passará

Esta solidão em trânsito
titubeante sombra das catenárias
no húmido asfalto

Vejo as cabeças dos cocheiros de praça
no meio sono
a toscanejar

*Morire come le allodole assetate
sul miraggio*

*O come la quaglia
passato il mare
nei primi cespugli
perché di volare
non ha più voglia*

*Ma non vivere di lamento
come un cardellino accecato*

Morrer como as cotovias sequiosas
na miragem

Ou como a codorniz
transposto o mar
nas primeiras moitas
pois de voar
já não tem vontade

Mas não viver do queixume
como um pintassilgo que cegaram

A casa mia, in Egitto, dopo cena, recitato il rosario, mia madre ci parlava di questi posti.

La mia infanzia ne fu tutta meravigliata.

La città ha un traffico timorato e fanatico.

In queste mura non ci si sta che di passaggio.

Qui la meta è partire.

Mi sono seduto al fresco sulla porta dell'osteria con della gente che mi parla di California come d'un suo potere.

Mi scopro con terrore nei connotati di queste persone.

Ora lo sento scorrere caldo nelle mie vene, il sangue dei miei morti.

Ho preso anch'io una zappa.

Nelle cosce fumanti della terra mi scopro a ridere.

Addio desideri, nostalgie.

So di passato e d'avvenire quanto un uomo può saperne.

Conosco ormai il mio destino, e la mia origine.

Non mi rimane più nulla da profanare, nulla da sognare.

Ho goduto di tutto, e sofferto.

Non mi rimane che rassegnarmi a morire.

Alleverò dunque tranquillamente una prole.

Quando un appetito maligno mi spingeva negli amori mortali, lodavo la vita.

Ora che considero, anch'io, l'amore come una garanzia della specie, ho in vista la morte.

A propósito deste poema, do humor que quicá por vezes, ao que se diz, aí empreguei, eu não estava a exprimir uma renúncia à liberdade da vida, uma acomodação ao conceito burguês da vida. Em «Lucca», observava que o homem é misteriosamente convocado a

sobreviver a si mesmo na ordem espiritual pela palavra, na ordem natural pela descendência. É uma verdade de Monsieur de la Palisse, bem sei; mas eu estava a assumi-la dramaticamente, e aceitar a tradição foi, ainda é, para mim, a aventura mais dramática, é a

aventura a partir da qual até hoje se desenvolve, por entre dificuldades inumeráveis de expressão, a minha poesia.

Em minha casa, no Egito, após o jantar, dito o terço, a
minha mãe falava-nos destas paragens.

Com isso se maravilhou toda a minha infância.

A cidade tem um trânsito timorato e fanático.

Nestas muralhas só se está de passagem.

O fito aqui é partir.

Sentei-me ao ar livre junto da porta da taberna com
gente que me fala da Califórnia como se de uma quinta
sua.

Descubro-me com terror nas feições destas pessoas.

Sinto-o correr agora quente nas minhas veias, o san-
gue dos meus mortos.

Também eu peguei numa enxada.

Dou por mim a rir nas coxas fumegantes da terra.

Adeus desejos, saudades.

Sei do passado e do porvir tudo quanto pode um
homem saber.

Conheço já o meu destino, e a minha origem.

Nada mais me resta para profanar, nada para sonhar.

Fruí de tudo, e sofri.

Só me resta resignar-me a morrer.

Criarei assim tranquilamente uma prole.

Quando um apetite maligno me impelia para os
amores mortais, eu louvava a vida.

Agora que considero, *também eu*, o amor como uma
garantia da espécie, tenho a morte à vista.

descrive lo stato d'animo del poeta

*Nude, le braccia di segreti sazie,
A nuoto hanno del Lete svolto il fondo,
Adagio sciolto le veementi grazie
E le stanchezze onde luce fu il mondo.*

*Nulla è muto più della strana strada
Dove foglia non nasce o cade o sverna,
Dove nessuna cosa pena o aggrada,
Dove la veglia mai, mai il sonno alterna.*

*Tutto si sparse poi, entro trasparenze,
Nell'ora credula, quando, la quiete
Stanca, da dissepolte arborescenze
Riestesasi misura delle mete,
Estenuandosi in iridi echi, amore
Dall'aereo greto trasalì sorpreso
Roseo facendo il buio e, in quel colore,
Più d'ogni vita un arco, il sonno, teso.*

*Preda dell'impalpabile propagine
Di muri, eterni dei minuti eredi,
Sempre ci esclude più, la prima immagine
Ma, a lampi, rompe il gelo e riconquide.*

*Più sfugga vera, l'ossessiva mira,
E sia bella, più tocca a nudo calma
E, germe, appena schietta idea, d'ira,
Rifreme, avversa al nulla, in breve salma.*

descreve o estado de espírito do poeta

Despidos braços de segredos tantos
Do Lete a nado estenderam o fundo,
E solveram os veementes encantos
E os cansaços onde luz foi o mundo.

Nada se cala como a estranha estrada
Onde folha não nasce, cai, hiberna,
Onde nenhuma coisa custa ou grada,
Onde a vigília nunca o sono alterna.

Tudo assomou então, em transparências,
Na hora crédula, quando, a cansada
Calma, de exumadas arborescências
A medida das metas restaurada,
Indo em iriados ecos, amor
Do aéreo areão tremeu surpreso
Róseo tornando o escuro e, nessa cor,
Mais que as vidas um arco, o sono, tesoro.

Refém assim de impalpável linhagem
De muros, sempre herdeiros de minutos,
Mais nos erradica, a primeira imagem
Mas quebra o gelo e reconquista, aos lustros.

Mais fuja vera, a obsessiva mira,
Seja bela, mais toca a nu a paz
E, germe, pura ideia apenas, de ira,
Treme, avessa ao nada, em corpo fugaz.

*Qui
Vivono per sempre
Gli occhi che furono chiusi alla luce
Perché tutti
Li avessero aperti
Per sempre
Alla luce*

É a epígrafe ditada por uma lápide que faz parte desse estupendo monumento que se tornou, por obra genial de Pasquale Santoro, o parque de Bossolasco. O parque monumental foi inaugurado em 22 de setembro de 1968.

Aqui
Vivem para sempre
Os olhos que se fecharam à luz
Para que todos
Os abrissem
Para sempre
À luz

*des maisons surgissent
et voguent
on les a perdues de vue
aucun ne sait l'itinéraire*

*l'albâtre des minarets
laisse à l'air
un roucoulement
de jasmins*

*leurs corps s'écoulaient
comme une huile
ils laissent leurs formes
à des caveaux de verre*

*un troupeau
d'hommes
débarqué
ronfle
parmi d'autres colis
une forte odeur
de cordages*

*avec mes dents
j'ai déchiré
tes artères*

*nous avons tant bu
et tant ri*

*quelqu'un est étendu
dans un fauteuil
d'air damasquiné*

*le ciel se couvrait
de corbeaux*

*sur une corne de la lune
un corbeau
perché*

*l'air a des coins
de gazon*

*ce n'est que l'effet
d'un bout
de nuage*

frais

*et le désert sonnait
comme l'airain*

Sagrado il 27 Novembre 1916

*Mi tornano
transitando
per i canneti titubanti
lungo la strada
scorticata
sul dorso della solitudine
le parole
delle anime perse*

*e finiscono di smorzarsi
in quelle ondate
di masso
alleggerito dal buio
che accovacciato
all'orlo del cielo
viscido
come una maiolica
incide
una bocca affilata
di baratro.*

Sagrado, 27 de novembro de 1916

Regressam a mim
circulando
pelos canaviais titubeantes
ao longo da estrada
esfolada
no dorso da solidão
as palavras
das almas perdidas

e param de se esbater
naquelas vagas
de rochedo
aligeirado pelo escuro
que agachado
na margem do céu
viscoso
como uma majólica
esculpe
uma boca afiada
de báratro.

Ao saudoso amigo Jean Amrouche, que estava a recolher as minhas observações improvisadas para a Radiodiffusion Télévision Française, a minha primeira resposta foi esta: «Isso é enfiar o dedo em chagas profundas». «Entre uma flor colhida e outra dada / o inexprimível nada». É uma obsessão que regressa, tal como o leitor verá, com frequência, ao meu canto. É no significado dessa ninharia que parece surgir a primeira tomada de consciência do próprio ser que eu sou. Ora bem, nasci em Alexandria do Egito, ou seja, numa cidade que já não faz parte do oásis constituído pelo Nilo. Alexandria fica no deserto, num deserto onde a vida é porventura intensíssima desde os tempos da sua fundação, mas onde a vida não deixa nenhum sinal de permanência no tempo. Alexandria é uma cidade sem um monumento, ou melhor, quase sem um monumento a lembrar o seu antigo passado. Muda de forma sem parar. O tempo leva-a sempre, em todos os tempos. É uma cidade onde o sentimento do tempo, do tempo destruidor, está presente na imaginação antes de mais e acima de tudo. E ao dizer *nada*, pensei em particular, efetivamente, nesse bulício de constante aniquilamento que o tempo lá produz. Pensei também na miragem que esse nada e esse tempo abolido calhem a fazer relampejar na imaginação do poeta, numa imaginação que me faz recuar até à infância, quando essas miragens começavam a ser habituais em mim.

Tentarei fixar certos elementos. Perdi o meu pai quando era criança, aos dois anos. Portanto, passei a infância numa casa onde a memória do meu pai mantinha um luto constante. Não era uma infância alegre. O meu pai deixara-nos uma padaria com uma certa importância. A minha mãe tratava da sua gestão. Andava de manhã à noite refém dos seus negócios e dos afazeres da casa. Não descurava, tinha aliás um cuidado extremo com os seus filhotes. Mulher de extrema energia. Já eu herdei o carácter do meu pai, que era o oposto. Tenho, claro, uma vontade, mas é de uma outra ordem. A minha mãe era voluntária de uma forma exagerada, fortissimamente voluntária, não se entregando naturalmente à ternura senão raras vezes.

Há dois elementos da minha primeira infância, aliás, são três os elementos, que não tardarão a surpreender-me no sentido da inspiração poética. Desde logo, a noite, a noite e o seu trânsito: vozes de guardas noturnos: perseguiam-se entre si, vinham, afastavam-se: *Uahed!...*, regressavam *Uahed!...*, a cada quarto de hora, refeito o giro à volta do meu ouvido infantil. Era a primeira perceção do infinito, de um infinito circular, como já os antigos Egípcios costumavam representar no morder a própria cauda de uma serpente.

Um outro elemento, elemento de revolta, dependia do facto de se criarem porcos no nosso pátio. À noite, quando havia que acordar os trabalhadores árabes, quando se chegara ao turno de trabalho deste ou daquele, um trabalhador rural que era natural de Lucca e que estava em nossa casa desde os tempos do meu pai ia buscar o porco, pois normalmente o sono daqueles árabes era pesado, e assim que o porco aparecia eles acordavam num sobressalto, fugindo aos gritos como possessos. Esse comportamento ofendia-me, eu achava — e era apenas uma criança — que não era de bom tom infringir sentimentos sagrados.

Terceiro elemento. Era nosso vizinho um funcionário de origem francesa, francês e alto funcionário do Estado egípcio. Tinha um filho da minha idade. Esse miúdo era fisicamente e porventura de mentalidade também o oposto daquilo que eu era. Perdera a mãe; mas o carinho que encontrara no seu pai, e nos tios e nas tias, substituía de certa forma o afeto materno. Tinha muita graça, uma grande desenvoltura nos modos. Atraía-me tal como atraía todos os nossos colegas no terreiro onde brincávamos. Era uma espécie de rei. Essa idolatria foi para mim uma idolatria que é porventura o afeto mais forte, a maior amizade que tive na vida. Não conheço nada de comparável com aquele apego.

Quero insistir num dos três elementos: o do luto. Todas as semanas, todas, a minha mãe levava-me ao cemitério. Íamos até lá a pé, era uma viagem algo longa, e aquela zona estava quase desabitada. Umas quantas casas, à volta da nossa; depois, aquela extensíssima alameda: a dada altura, surgia a vivenda de um rico banqueiro, o barão Menasce, e a rua

chamava-se justamente Alameda Menasce. Ao fundo da alameda, uma curva, e, de repente, uma clareira redonda, e a partir daí, andando e andando, o cemitério. Longuíssima, essa caminhada. A minha mãe rezava, ou repreendia-me, traquinas ao qual nunca faltavam gestos a reprimir. Chegávamos ao cemitério, onde passávamos horas em oração, que eu devia seguir, devia acompanhar. Todas as semanas, durante a minha primeira infância.

Sentimento da morte, desde o primeiro momento, e rodeado de uma paisagem aniquiladora: tudo se esboroa, tudo, julgo que já o terei dito: tudo não tem senão uma duração mínima, tudo é precário. Eu era refém, naquela paisagem, dessa presença, dessa lembrança, desse apelo, constante, da morte.

Um outro momento da minha vida, que cumpre relembra, foi quando saí de casa para ir passar alguns anos no colégio. É possível que tenham tido importância, e uma importância benéfica até, na minha formação moral, mas fui de todo o modo infelicíssimo nesse colégio. Fui sempre alguém que nunca ninguém conseguiu disciplinar. É insuportável para mim toda e qualquer influência.

Uma manhã, das manhãs gastas a passar a limpo as aulas ou a fazer os deveres, podíamos observar da janela da grande sala, numa caserna inglesa, militares castigados, normalmente castigados por terem sido apanhados bêbedos na rua. Obrigavam-nos a marchar à volta de uma pista, e depois — lembro-me bem disso, é um tipo de acontecimento que não consigo esquecer quando me calha ter tido de o observar — aqueles réus de embriaguez eram chicoteados até sangrarem. Esse efeito em mim, da pena corporal infligida a seres humanos, era um efeito no meu ânimo de revolta insuportável. Aquele espetáculo de fustigação oferecido por uma caserna foi uma das afrontas mais acerbas que me lembro de ter sofrido, no decurso de uma existência com uma duração tal que não teve como não registar muitas outras, atroz.

Impõe-se que volte a falar daquele rapazinho — de seu nome Alcide — que personificou para mim a imagem da felicidade, daquele miúdo que imaginei como sendo um herói derivado da minha própria existência. Eu estava num colégio de

Giuseppe Ungaretti (1888-1970) marcou profundamente a poesia italiana do século XX, sendo um dos seus representantes maiores. A escrita autobiográfica e a simplicidade dos seus versos refletem o lirismo poético na sua forma mais pura.

A presente edição teve por base *Vita d'un uomo* (Mondadori), onde, pouco antes de morrer, Ungaretti reuniu, num só volume, a sua vida em verso, complementando-o com muitas notas pessoais. Um percurso que pode visitar nestas cerca de 900 páginas, traduzidas por Vasco Gato.